



Questão 1 - A adesão a uma teoria do conhecimento pressupõe a aceitação de uma teoria da natureza. Berkeley, autor do primeiro fragmento, é cèlebre pela declaração de que "ser é perceber e ser percebido". Ele adere, portanto, a uma teoria imaterialista da natureza. Esta posição defende que nada existe independentemente do pensamento. Para evitar cair em um solipsismo, em um fechamento no eu, Berkeley admite uma mente cósmica. Na medida em que, ^{segundo ele} os objetos se dão a partir da capacidade de percepção do sujeito, que é o que existe é a representação que o sujeito faz do objeto, podemos dizer que ele é um idealista. A posição que diverge desta, a realista, defende que as percepções do objeto correspondem a objetos ^{na} realidade. O realista ingênuo acredita na apreensão imediata, isto é, que os objetos mostram-se como são. No realismo, poderia-se dizer que o faz está no objeto, enquanto, no idealismo, poderia-se dizer que o faz está no sujeito.

O fragmento de Quine começa com o autor se posicionando como um empirista. Esta teoria do conhecimento defende que é da experiência que provém todo o conhecimento. As posições empiristas menos radicais admitem que ^{todo} o conhecimento começa com a experiência, mas que ^{ele} também possa advir, secundariamente, de objetos de referência, como é o caso de Locke. O empirismo contrapõe-se ao racionalismo que defende que a razão humana é a única fonte segura de conhecimento, já que os sentidos são fonte de erro. Quine, como empirista, acredita que o conhecimento provém da experiência. Adere a uma teoria materialista da natureza, uma vez que acredita que objetos físicos seguem suportes culturais, ou seja, corpos ^{tais que} artificiais. Além disso, como afirma que é possível "introduzir uma estrutural..." no fluxo da experiência" parece pressupor que o movimento seria determinado matematicamente. Aqueles que defendem esta determinação, ^{enxugando} ~~o~~ mundo como uma espécie de máquina, são chamados de mecanicistas. (CONTINUA NA PÁGINA 4)

Questão 2 - Para melhor compreender a tese popperiana, sabe explicar a distinção entre senso comum e ciência. O senso comum é um conjunto de crenças e não é considerado crítico. Já a ciência é considerada um saber teórico e crítico. Ela está submetida a testes e busca a precisão de conceitos. Já o senso comum não está submetido a testes e costuma vir aliado à imprecisão de conceitos ou ~~na~~ ambiguidade ~~de~~ no uso dos termos usados. O senso comum é particular e sistêmico, ou seja, faz uso de pequena amostra da realidade e faz generalizações apressadas. A ciência é, ~~por sua vez,~~ por sua vez, geral e sistemática, ou seja, tem uma pretensão de universalidade, de validade para casos semelhantes, e não apenas os casos observados. Como dizia Aristóteles, a ciência está associada ao saber das causas. Saber é saber implicar as causas. ~~Implicar as causas~~

Há construções culturais que são tidas como verdades em certas culturas. Funcionando de acordo com seus interesses essas construções são úteis àquela povo. ~~Elas podem ou não ser~~ úteis em outra cultura. A utilidade ou não utilidade faz esses valores serem considerados positivos ou negativos. A crítica popperiana à ciência está associada ao problema da indução. O máximo que podemos é aumentar o grau de confiabilidade de um enunciado, confirmando-o com um maior número de casos que o reafirmem. Todo enunciado ^{de ciência} ~~seja~~ uma generalização, ou seja, indutivo. Apesar disso, é mais confiável que o senso comum. Todavia, muitas vezes, são os enunciados do senso comum que são testados. Não é possível, assim, separar totalmente os dois âmbitos, mas é preciso não confundir o fruto da confiabilidade de um enunciado.

O ~~problema~~ ^{problema} da pretensão da exclusão das valorizações extra-científicas é cometer violências mais autoritárias sob o pretexto ^{da imparcialidade} ~~da~~ ^{da} ciência. Uma vez que tal imparcialidade não é possível, é preciso estar con-

mente duro para evitar acreditar que se está usando um critério imparcial. Critérios são sempre segregadores. ~~Quem acredita~~ é ingênuo ~~acredita~~ que se pode purificar a verdade da parcialidade, de um conteúdo.

Questão 3 - A concepção dialética tem como um de seus principais expoentes o filósofo Hegel. Segundo ele, tudo é movimento do Absoluto. Os momentos ou conhecimentos históricos caminham ^{como que} em um movimento em espiral, alternando ~~alternando~~ ascendente em tese, antítese e síntese, repetidamente. Quando Adorno distingue "o rendimento cognoscitivo de acordo com um modelo lógico ou científico" ^{do} "conhecimento produtivo", ele está se referindo à distinção de pontos de vista do que seria, por ^{ex}emplo, a tese ou antítese do movimento em espiral do todo. Quando Adorno enfatiza a necessidade de se pensar "como" se conhece realmente, ele está enfatizando a necessidade de se pensar esta distinção. A tese, ^(ou antítese) enquanto um rendimento parcial relativo a um modelo, é apenas momento do movimento do Absoluto. Investigar "como" se conhece é tomar consciência de como este movimento acontece e da parcialidade e provisoriabilidade de uma tese. O conhecimento produtivo continua em ^{movi-}mento. ~~Da~~ Dar-se conta desta distinção ^{de pontos de vista} contribuiria para uma conscientização acerca da parcialidade de teses, ^{por ex,} de como elas são construções históricas submetidas a conteúdos. A noção de progresso que parece pressupor neste modelo ascendente de construção do conhecimento produtivo pode ser problematizada. Ela parece implicar que o que veio antes era primitivo e inferior em relação ao que se segue.



temporalmente ou historicamente. Isso é perigoso na medida em que dá margem a discursos autoritários que menosprezam culturas como a indígena (ou ameríndia). Ela poderia ser tratada como a "ainda não civilizada", como se tivesse parado no tempo. Toda sua riqueza e singularidade seriam, portanto, desconsideradas. É neste sentido que o vínculo de uma concepção dialética à ideia de progresso pode dar margem a violências e intolerâncias.

Questão 1 - continuação.

Poderia-se defender que Quine seja um realista, se entendermos que ele acredita que as percepções do objeto são reais no sentido de corresponderem aos "suportos culturais". ~~Podemos dizer também que ele é um~~ ^{isso ocorre na medida em que} ~~pragmatista~~ ^{pragmatista} (pragmatismo de um pragmatismo entendido como a posição que defende que a verdade é a correspondência do pensamento com o objetivo). Quine mesmo diz: "o mito dos objetos físicos é epistemologicamente superior (...) porque provou ser mais eficiente". É mais eficiente com vistas ao fim de introduzir "uma estrutura manipulável". O pragmatismo é uma vertente do ceticismo relativo, o qual nega parcialmente a capacidade de conhecer. Outra vertente do ceticismo relativo é o subjetivismo que alega que o conhecimento é subjetivo, uma construção humana, ou seja, não está nas coisas. Apesar de divergirem em tantos aspectos para que neste aspecto, enquanto ceticismo relativo, talvez pudéssemos aproximar Quine e Berkeley.